

Escute, Zé Ninguém de Wilhelm Reich

Apresentação de Vanda Barreto Lopes no
Conversa Fiada na Serra nº 1 – 02/06/2007

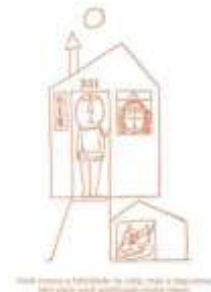


No primeiro Conversa fizemos, inicialmente, diversas considerações sobre o livro Escute, Zé Ninguém(*) escrito por Wilhelm Reich em 1946, no qual ele traça o perfil de Zé Ninguém, uma personalidade controladora, cerceadora da própria energia vital e da energia alheia. O personagem é impregnado pela “peste emocional” com predisposição para a “falta de entusiasmo por uma vida autêntica, insistindo em “caluniar e boicotar” pessoas que têm uma trajetória marcada, entusiasticamente, pelo amor, pelo trabalho e pelo conhecimento.

O Zé Ninguém do livro conspira para eliminar os estudos sobre o orgone difamando Reich ao invés de se utilizar de pesquisas. É bom lembrar que o autor foi preso nos Estados Unidos. Vários escritos seus foram queimados e, ao falecer, estava sendo acusado de charlatanismo. Hoje em dia há livros de Reich sendo reeditados e diversos trabalhos acadêmicos surgindo a partir de seus estudos, principalmente nas áreas de saúde e educação.

O Zé Ninguém “rejeita a energia vital, teme as profundezas da natureza humana”. Segundo o autor, ele devora sua própria felicidade pois “nunca experimentou a felicidade em plena liberdade”, não assume a responsabilidade pela preservação de sua felicidade, não cultiva a felicidade com carinho, não percebe que é preciso trabalhar para alcançar a felicidade, não percebe que felicidade é uma Conquista!

É justamente nesse exercício de conquista da felicidade plena com amor, trabalho e conhecimento que as contradições aparecem no nosso discurso, nas nossas ações e interações sociais e no nosso corpo.



É a partir de reflexões e vivências que podemos superar as contradições que dificultam uma vida de respeito mútuo e a construção de uma sociedade mais igualitária, atingindo novas etapas e nos desvencilhando dos zés ninguém que existem dentro de nós.



Tivemos na conversa do dia 02 de junho a possibilidade de um olhar para dentro de nós, um tempo para perceber nossas próprias contradições, sentimentos, afetos, medos e zés ninguém que estão em cada um de nós e nas relações sociais nas quais estamos todos inseridos. Conversamos sobre o quanto cada um de nós introjeta valores e padrões de comportamento, explicita atitudes que eternizam a opressão e a perpetuação do individualismo e do egocentrismo, pensando no aqui e agora sem a menor preocupação com um projeto de vida que possa produzir uma diminuição das diversas formas de violência que ajudamos a reproduzir, nos distanciando de um bem estar social saudável.

Como diz Wilhelm Reich, precisamos “cultivar a felicidade com carinho, como um jardineiro cultiva suas flores e um lavrador, seu trigo” e nos permitir estar em constante observação do quanto “jogamos uns com os outros” perpetuando insatisfações e relações afetivas neuróticas e destrutivas.

(*) REICH, W. Escute, Zé Ninguém. Ed. Martins Fontes, SP, 1998.